Notícia sobre Mons. Gaume

O viajante que vai de Besançon à Suíça, pela grande estrada de Morteau, atravessa a parte mais elevada da Franche-Comté, terra de fé e de montanhas, justamente chamada o Tirol da França. A poucas léguas apenas da fronteira, encontra-se, num fresco vale, ao pé de um monte coroado de abetos seculares, a bela aldeia de Fuans. Foi ali que nasceu Mons. Gaume, a 4 de junho de 1802.

Foi o nono de nove filhos de uma família patriarcal, em que vivia, em sua poderosa integridade, a fé dos tempos antigos. Recebeu no batismo o nome de Jean-Joseph. Seu pai, Jean-François-Xavier Gaume, era homem justo, bom, dedicado e corajoso: verdadeiro tipo dessa velha raça franco-condesa, sólida na fé, leal no trato e firme no perigo.

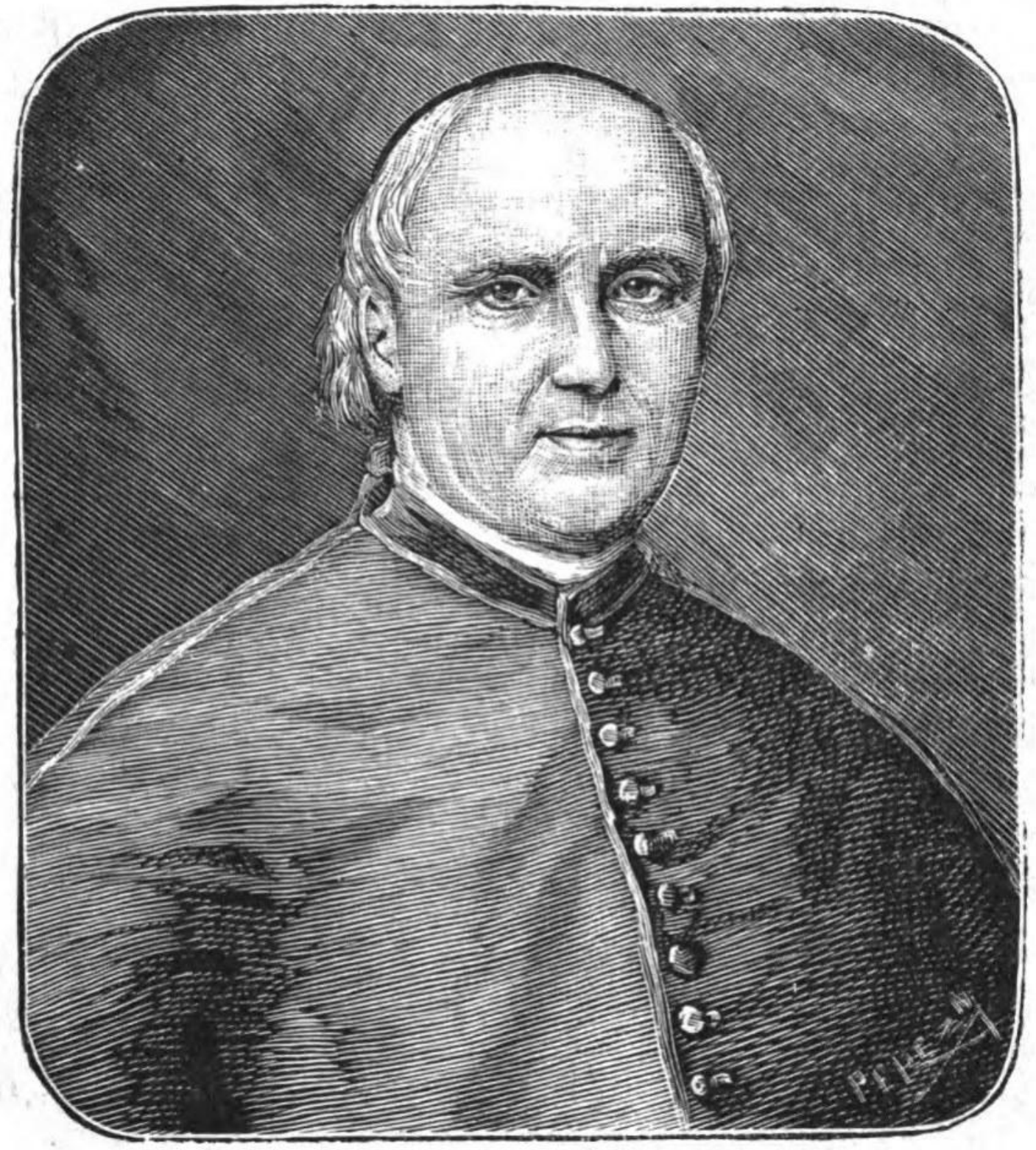
Sua mãe, Gabrielle Boillon, era a mãe dos pobres, e sua casa era a casa deles. Nessa casa, quantos sacerdotes encontraram asilo nos piores dias da Revolução, quando, perseguidos por todos os lados, procuravam passar à Suíça para escapar da guilhotina ou da deportação! Contaram-se certa noite até dez reunidos sob aquele teto hospitaleiro. No meio da noite, um deles celebrava a Missa, na qual todos comungavam; depois o Santíssimo Sacramento era guardado num pequeno tabernáculo de madeira, para os doentes da vizinhança.

Um tio de Mons. Gaume, Nicolas Busson, foi guilhotinado em Malche com dezessete lavradores, que morreram como ele pela fé. Esse cristão heroico manteve-se ao pé do cadafalso, abraçou e animou os companheiros um após outro, depois subiu tranquilamente os degraus e teve a cabeça cortada por último. Foi sob a direção do filho dele, o padre Busson, digno de tal pai e cuja memória permaneceu em veneração, que Mons. Gaume fez seus estudos no seminário menor de Ornans. Seguiu-o depois ao seminário maior de Besançon, onde teve por mestres e amigos homens com os quais trabalhou mais tarde pelo inteiro restabelecimento da autoridade da Santa Sé: o cardeal Gousset, Mons. Gerbet, Mons. Doney e outros ainda. Pois o sangue dos mártires da Franche-Comté preparou para a Igreja uma rica messe, como se viu também, aliás, por toda parte onde correu esse sangue generoso.

Depois de ter sido por dois anos vigário em Vesoul, o padre Gaume foi pedido por Mons. Millaux, bispo de Nevers, para ensinar teologia em seu seminário maior; ali ensinou a pura doutrina romana, até que, tendo o seminário menor necessidade de ser reorganizado por mão firme e hábil, foi nomeado seu superior. Operou ali, em pouco tempo, mudanças maravilhosas quanto à piedade, à ciência e à disciplina. Foi ali que sentiu a necessidade de fortalecer a educação pelo estudo dos escritos dos santos Padres, próprios para dar aos jovens um conhecimento maior e um amor mais vivo da religião; o que o levou a publicar, em 1835, seu livro *O catolicismo na educação*, completado mais tarde por outros escritos que tiveram enorme repercussão em toda a Igreja.

Mons. Gaume era então cônego de Nevers: dirigia o catecismo de perseverança, ao qual acorriam as moças da cidade e muitas mães atraídas por sua eloquência. Demonstrava plenamente a verdade do cristianismo, dando a conhecer bem a Igreja, sua origem, sua doutrina, sua liturgia,

seus sacramentos, seus mártires, seus grandes santos, suas admiráveis instituições de caridade para todas as misérias da vida. Continuou por quase vinte anos esse apostolado, do qual saiu uma das mais belas e mais populares apologias do cristianismo, seu *Catecismo de perseverança*, que foi louvado por Gregório XVI, aprovado por muitos bispos e traduzido em todas as línguas.



> **Mons. Jean-Joseph Gaume.** Nascido em Fuans (Doubs) a 4 de junho de 1802; morto em Paris a 19 de novembro de 1879.

O papa Gregório XVI, por ocasião de uma viagem de Mons. Gaume a Roma, em 1842, concedera-lhe até a cruz da Ordem de São Silvestre, em recompensa «de sua dedicação à Santa Sé e dos serviços prestados à religião por suas obras». Vários cardeais e outras personalidades da corte romana também lhe fizeram o mais benévolo acolhimento; e recebeu do clero, em todas as cidades onde se demorou, sinais da estima que seus escritos lhe haviam granjeado; pois teve a ventura de visitar e estudar não somente Roma, mas as principais cidades desse belo país, então tão piedoso e tão feliz, apesar dos esforços da Revolução. Nada é mais interessante que o diário de sua viagem, publicado alguns anos depois sob o título *As três Romas*, e do qual Louis Veuillot disse, em seu *Perfume de Roma*, que é «o guia religioso mais verdadeiro e mais completo».

De volta de Roma, Mons. Gaume publicou sua *História da sociedade doméstica*, isto é, da família, na qual, prosseguindo a obra de seu *Catecismo de perseverança*, mostra o que era a mulher antes do cristianismo, o que ela ainda é nos países infiéis, e o que deve à religião que lhe deu sua liberdade, sua dignidade e sua parte de autoridade na família. Voltou muitas vezes, em seus escritos, a esse benefício da fé cristã, que é a base da verdadeira civilização.

Em Nevers, compreenderam-no perfeitamente. Mais de trezentas moças seguiam o catecismo de perseverança. Ao mesmo tempo que lhes dava uma fé inabalável, Mons. Gaume iniciava-as na prática das boas obras. Confiou-lhes o patrocínio das crianças da primeira comunhão, cada uma das quais tinha sua protetora; interessou-as na fundação de um ateliê dirigido pelas Irmãs da Sagrada Família; associou a maior parte delas à Propagação da Fé; pôs-as em correspondência com os catecismos de Constantinopla, Esmirna, Santorini, Beirute, Alexandria e Túnis, dirigidos pelas Filhas da Caridade. Essas moças, de nacionalidades e costumes tão diferentes, rezavam umas pelas outras, conheciam-se e amavam-se sem nunca se terem visto, e escreviam-se em nossa cara língua, que será um dia o laço de todos os povos, para contarem umas às outras os pequenos acontecimentos que as pudessem edificar e interessar. As de Nevers haviam até adotado uma pequena escrava de Constantinopla, que tinham mandado comprar com a idade de três meses, e que mantiveram a expensas suas até seu estabelecimento. Exemplo notável do espírito de caridade e de proselitismo que se pode inspirar às mulheres da França desde a sua primeira juventude, e que teria contribuído para o crescimento da Igreja e para a grandeza de nosso país, se tivesse sido conhecido dos outros catecismos de perseverança de nossas grandes cidades, onde o clero, há meio século, despendeu tanto zelo e fez nascer tão nobres e generosos sentimentos.

Os pobres de Nevers não tinham menor parte na solicitude de Mons. Gaume. Era presidente da obra de São Francisco Xavier para os operários e dirigia a conferência de São Vicente de Paulo; reunia-os regularmente toda semana, comunicava-lhes sua atividade, sua ardente caridade. Amava os operários; escreveu para eles seu excelente livrinho *A profanação do domingo*. Queria fazer-lhes compreender que ela é a ruína da família, da liberdade e da dignidade do operário, e até de sua saúde e de seu bem-estar, ao mesmo tempo que a ruína da religião e da sociedade. Dizia: «Se a profanação do domingo não é a mãe do socialismo, é a sua ama de leite.» Dizia ainda: «A

França perece pela profanação do domingo. Todos os oito dias ela se põe em insurreição contra Deus e lança ao Todo-Poderoso um insolente desafio!» Previa a revolução social que por pouco não eclodiu em 1851 e 1871. As revoluções nascem sempre da violação obstinada de alguma lei divina. «É o último argumento da Providência, dizia ele. A verdade é então mostrada ao homem como foi mostrada no cume do Sinai, ao clarão dos relâmpagos e ao ruído do trovão; ou, como no Calvário, no espanto da humanidade e no abalo de toda a natureza.» Não foi escutado; mas pouco depois, desordens espantosas mostraram aos habitantes de Nièvre a que excessos se podem entregar os profanadores do domingo.

Mons. Gaume foi mais feliz na causa dos clássicos cristãos, que defendeu com muita energia e cuja introdução obteve na maior parte dos colégios católicos; nisso foi ajudado e encorajado pelo cardeal Gousset, por Mons. Parisis, Mons. de Salinis e grande número de outros bispos, e por fim aprovado por Pio IX. Voltou então todos os seus esforços contra a impiedade revolucionária; desmascarou-a em sua grande obra intitulada *A Revolução*, narrando todos os seus crimes e abomináveis deboches desde a origem, no século XV, até o seu triunfo em 89 e 93. Ensinou os cristãos a defender-se de suas seduções servindo-se cada dia das armas de que se serviam os primeiros cristãos contra as seduções do paganismo: o Sinal da Cruz, a água benta, o *Benedicite*, e sobretudo o culto do Espírito Santo, da Eucaristia, da bem-aventurada Virgem Maria e dos santos Anjos; o que fez Pio IX compará-lo a Mons. de Ségur pelo número e pelo encanto de seus livros de piedade.

Mons. Gaume trabalhou assim até a véspera de sua morte, que sobreveio em Paris a 19 de novembro de 1879. Havia muito deixara Nevers, para recolher-se junto de seus irmãos, que também serviam à Igreja com suas publicações. O cardeal prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda o nomeara, em 1872, diretor geral da Obra Apostólica, cujo fim é socorrer os missionários mediante os donativos e os trabalhos das senhoras cristãs. Foi sem dúvida para animá-las que escreveu suas *Biografias evangélicas*, nas quais dá tantos pormenores interessantes e pouco conhecidos sobre os primeiros missionários, que foram os apóstolos e os outros discípulos de Nosso Senhor, e sobre as santas mulheres do Evangelho, que foram as primeiras cooperadoras da Obra Apostólica.

O padre E. Danas.

Revision #2
Created 22 November 2026 12:49:21 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin